

Uma loura de 33 anos

71.2.93 1993

Wagner Teixeira

Os que praticamos o jornalismo do dia-a-dia sabemos como é difícil exercer certos gêneros, aparentemente simples, que fazem parte das folhas diárias. Um deles é a nota de aniversário, diante da qual muito veterano embatuca, goteja suor frio, fuma vários cigarros e chega à conclusão de que só conseguiu elaborar um monstro insignificante, em nada comparável à grandeza ou importância do aniversariante.

Brasília transmite-me este sentimento de hesitação. Como falar de uma cidade que comemora hoje seu aniversário, em meio a uma pouca entusiástica romaria às urnas do plebiscito? De que maneira se pode tributar justa e comovida homenagem a esta cidade bastante peculiar, para não dizer fora do comum? E há o fato de que, após três anos de intenso convívio, ainda não consegui localizar a alma da cidade, aquele ponto ou paragem em que todos os mistérios se dissolvem.

Recorro a frases que ouvi de amigos e colegas. Há também os ditos sarcásticos de parlamentares e servidores públicos em permanente torna-viagem, aqueles que ficam, no máximo de segunda a quinta-feira, e utilizam o resto da semana para ampliar a feira de banais adjetivos com que cumulam a cidade-anfitriã.

Suponho que, como redator de banca, eu precise operar com imagens mais atraentes, sedutoras na verdade. Afiguro-me, então, que Brasília é uma saudável e vistosa loura de 33 anos, a semear encantos e despertar paixões, além de deixar profundamente intrigados aqueles que julgam não estar o colosso estético a seu alcance. Loura misteriosa, esta Brasília. Vive de acenos e negaças. Atrai alguns e desestimula outros. Não há roteiros de viagem para chegar a ela; os viajantes vão-se amontoando e tratando de imitar os mais experientes. Não valem os

jogos rituais consagrados no Rio de Janeiro e em São Paulo, para falar de duas cidades cujas almas e vísceras conheço de sobra.

E lá vem a loura com seus 33 anos. Guarda o viço e a espontaneidade da adolescência; entremostra, por prudência, o recato e os competentes jogos comportamentais da maturidade. A uma morada permanente no seu território candidatam-se os mais ousados e os mais talentosos da localidade. Um emagrece 12 quilos; outro põe abaixo histórica barba de 16 anos; este renova o vestuário; aquele modifica o penteado e passa a usar óculos mais modernos, que o fazem remoeçar alguns anos, sempre que o rosto aparece na televisão. É claro que estou falando de candidatos a tudo e, principalmente, ao coração da loura. O poder que ela ostenta está ali, muito visível. Disputar quem há de?

E a loura circula pelos corredores da História. Um político maduro esconde seus respeitosos cabelos brancos; outro melhora a prolação das palavras. Afinal, há eleições gerais em 1994 e todos os aspirantes querem situar-se próximo à loura poderosa, para devassar-lhe os dengos, decifrar seus enigmas e, quem sabe, torná-la cativa para sempre.

Brasília é, por certo, uma loura goiana, plena no verdor da idade, que oferece aos que chegam, e a ela se candidatam, uma indiscutível qualidade de vida. E a goianidade é um estilo pouco estudado, disciplina ainda em formação, da qual poucos princípios são conhecidos. É um terreno fascinante para destemidos autodidatas. Os imigrantes, de modo geral, interessam-se mais por estas frioleiras do que os autóctones e os brasilienses adotivos.

Há muita excitação em imaginar que, aos 33 anos, a loura Brasília ainda dispõe de algumas décadas para continuar seduzindo e embalando os que fazem da conquista e do poder o próprio objetivo de suas vidas. Felizmente, por amor à minha saúde mental, estou fora deste agitado páreo.